

DELMINDA SILVEIRA OU UMA VIDA ROUBADA

Zahidé Lupinacci Muzart (UFSC)

*É como a vela que se apaga,
E a fumaça sobe e se atemia.
É o amor fraco que se apaga.
Não adiantam poemas para a lua.*

Ana Cristina Cesar

Na história da literatura em Santa Catarina, salienta-se o nome de Delminda Silveira, escritora e professora, nascida na cidade de Nossa Senhora do Desterro (hoje, Florianópolis), a 16 de outubro de 1854, de tradicional família. Delminda não frequentou escolas, como era costume para meninas e estudou somente com professores particulares. Estudou francês, latim, português e aperfeiçoando-se nessas línguas, tornou-se professora de português e francês no Colégio Coração de Jesus, escola tradicional, católica, frequentada pelas filhas das famílias mais burguesas da cidade. Delminda Silveira permaneceu solteira e lecionou até idade avançada. Faleceu a 12 de março de 1932. Essa, a vida irrepreensível de Delminda Silveira. E, lendo sua poesia, encontrávamos nela a expressão dessa vida de desejos bem burgueses. Poesia repetitiva, de uma boa moça.

Em 1995, visitando a Academia Catarinense de Letras, pude examinar o acervo de Delminda Silveira. É bem rara tal oportunidade. Examinar um acervo de um escritor é um pouco como examinar-lhe a alma. E foi isso o que me aconteceu e o que vou relatar-lhes aqui.

Estudando o acervo, deixado aos cuidados do pesquisador José Boiteux e, posteriormente, legado pela família Boiteux à Academia Catarinense de Letras, verificamos que, além de poesias, Delminda preocupou-se bastante com o ensino, com o inculcar os assim chamados *bons princípios*. Escreveu, para seus alunos, uma peça

alegórica em cinco atos, de nome *Brasil*, para comemorar o centenário da Independência e também poemas com objetivos pedagógicos.

Delminda começou a publicar poemas e crônicas, no final do século, nos jornais da cidade de Desterro. Algumas colaborações suas aparecem com o pseudônimo de Brasília Silva, curioso pseudônimo unindo o nome da pátria ao mais comum do povo, recortando o seu próprio nome ao meio.

Apesar da freqüência com que compareceu às páginas dos jornais e revistas da época, e dos livros publicados, dos dicionários somente Sacramento Blake lhe registra o nome, dando detalhes da obra.

O primeiro livro, *Lizes e Martyrios*, reúne poemas, crônicas e pequenos contos publicados na imprensa antes da virada do século. O segundo, é *Cancioneiro*, de 1914. Antes da publicação de *Lizes e Martyrios*, em 1908, Delminda Silveira foi assídua colaboradora da revista feminista *a Mensageira*, dirigida por Presciliana Duarte de Almeida, onde publicou muitos poemas desde o número seis, datado de 1887.

A Mensageira, editada no final do século XIX, em São Paulo, desempenhou importante papel na luta das mulheres brasileiras. A publicação buscava mostrar a importância da educação da mulher, sendo esse o ponto mais importante de seu ideário. Vale lembrar que só em 1827, teremos a primeira legislação relativa à educação da mulher. Porém essa lei só admitia meninas nas escolas elementares e não no ensino mais adiantado.

Os textos em prosa publicados nessa revista são, na verdade, um só e longo ensaio dividido em três capítulos, intitulado *Observações sobre a educação em geral*. Delminda apresenta idéias bem curiosas e, por vezes, modernas, sobre a educação das crianças. Preconiza a alfabetização no próprio lar. Além dessa permanência no lar, Delminda é adepta da educação ao ar livre com ginástica, a partir dos sete anos, banhos frios e passeios no campo como meios de tornar as crianças robustas e sadias. E, acentuava a importância da educação das mulheres.

Nesses artigos, Delminda diz que a educação dos meninos e meninas até os dez anos deveria ser a mesma. É a partir da puberdade que começariam as diferenças. Os meninos para os colégios e as meninas para casa onde, *além dos estudos do menino, dar-se-lhe-ão lições de prendas domésticas, de trabalhos manuais.*

Embora nesses artigos, ela preconizasse uma educação feminina direcionada à vida familiar e às ocupações domésticas, aparecem não obstante algumas idéias dignas de nota. Uma delas é a crítica à obsessão dos pais com o casamento, perguntando-se *ela como se tem preparado as filhas para o fato mais importante da vida de uma mulher?* Critica toda a superficialidade da educação da mulher que privilegia antes de tudo a aparência, com o objetivo do casamento: *fitas, rendas, sedas em profusão, jóias e adornos mil...* Segundo a escritora, a cultura *amplificando os horizontes da inteligência, dará à mulher a luz suficiente para discernir e escolher o melhor caminho.*

Há muitas coisas nos artigos de Delminda Silveira que, hoje, nos parecem ingênuos, porém, no fundo, o que a movia era a preocupação com a educação e com uma maior liberdade da mulher sempre de acordo com a moral cristã, claro... Não esqueçamos que Delminda era profundamente religiosa. Essa religiosidade transparece em todos os seus poemas. O fato de ter colaborado intensamente com uma revista feminista mostra que, apesar de sua ideologia conservadora, ela não escapou ao espírito do tempo e também refletiu sobre uma das questões mais candentes do século que se iniciava: a mulher e seus direitos.

Leio Delminda Silveira, procurando imaginá-la nas ruas de Florianópolis, em sua época. Devem lhe ter pesado muito o celibato, a falta de um companheiro, naturalmente muito idealizado pela romântica poetisa. Isso transparece em sua poesia, a solidão, a saudade de um ideal inatingível. Para a época, quando não casar era colar-se à frente a etiqueta *solteirona*, lhe deve ter sido doloroso, na cidadezinha, ilhada e fofqueira, a vida manietada dentro dos padrões exigidos para a mulher.

Encontrei, em seu acervo, três cartas muito interessantes da poetisa gaúcha Revocata Heloisa de Mello. Revocata e Delminda foram amigas de longe, pelo que se deduz das cartas e, igualmente pelo ano, 1931, pois Delminda faleceu no ano seguinte. Aparentemente, nunca se viram. .

A primeira carta agradece o envio do opúsculo *Passos Dolorosos* e responde à missiva anterior de Delminda. Essa carta colocou-me um problema biográfico. Sendo de 1931, Delminda teria então 77 anos. Pois a carta de Revocata diz o seguinte:

*Falemos agora de si, - não de sua lira, mas do coração.
Pareceu-me divisar alguma coisa maior que a gratidão -
que é muito grande - quando me fala de alguém que nestes
últimos tempos, tem sido em seu caminho um gênio
abençoado. Estarei enganada?...*

*É certo que do sublime sentimento gratidão, há apenas um
passo para aquele outro que desde primitivos tempos, há
reinado, dando a felicidade a muitos, porém mais, muito
mais vezes, tornando à infinidade de seres, existência
acremeente juncada de espinhos...*

*Isto não quer dizer que a distinta Amiga vá encontrar
agruvas em uma nova seara na vida; apenas há a notar
que os celibatários são um pouco rebeldes a tomarem
caminhos que vão ter ao matrimônio.*

*Eu, francamente, não os encaro mal por isso; sou muito
apologista do celibato.*

*Em anos idos, por duas vezes fui noiva; circunstâncias
houve no entanto, que forçaram a desfazer esses
contratos. Não lamento. O meu pendor sempre foi para o
amor platônico. Muito teria que dizer-lhe nesse sentido...*

*Se errei quanto à amiga, não faça caso de meu juízo sobre
seu coração.*

Quando li esta carta, fiquei com a *pulga atrás da orelha!!* Que amor seria esse nessa idade? Teria a religiosa Delminda sucumbido a alguma paixão tardia, ignorada por todos da cidadezinha fofocueira? mas não tive informação de nenhum crítico que tivesse estudado

Delminda Silveira sendo que a maioria estudou temas, seu misticismo, sua poesia, seu romantismo. E meus preconceitos também se revelaram. Pois, por que Delminda não poderia amar aos 77 anos?

Então, organizando o seu acervo, encontro algumas folhas de papel almaço, todas escritas com uma letra nervosa, a lápis. A custo, com lupa e uma boa dose de paciência, e não menor curiosidade, fui tendo quase uma espécie de *revelação*, a revelação de uma alma e de seus sofrimentos. Pelo que pude deduzir desse magnífico texto de uma mulher sozinha, ela foi muito ajudada por uma pessoa (homem? mulher?) bem mais jovem, por quem se apaixona violentamente. E este, depois de algum tempo, a deixa e vai embora para o Rio. O texto é lindo, percorrido por uma espécie de febre, a febre do amor, nunca antes vislumbrado. E a luta íntima com os preconceitos, com o medo da sociedade. É uma carta que, possivelmente, não foi enviada ao seu destinatário. O texto apresenta o itinerário: a transformação da gratidão em amor, em paixão, traz as recriminações da poetisa por quem despertou esse sentimento e não o aceita e as elucubrações da mulher velha pensando no que diriam os outros se o soubessem!!

*Sacrificar-lhe-ei tudo, minha vida, minha vontade, os
respeitos do mundo. Por que me despreza? Ah! não repare
nestes cabelos brancos, fá-lo-ei esquecer à força de
dedicação e afeto. Que direito tinha de fazer nascer
ilusões? Como as que alimenta? Se não confiava que
poderia responder a esse amor verdadeiro que anima
assim? Os meus sentimentos são nobres... Adeus! procure
um coração para o qual não chegasse tarde.*

Sobretudo a última frase é por demais melancólica. A consciência do peso da idade, e ao mesmo tempo a consciência de poder, apesar da idade, amar com um vigor ainda jovem:

*Perseguiu-me a fatalidade toda a minha vida. Perdi
carinhos de mãe. Perdi extremos de amante na juventude.
(...) Os anos do amor passaram e a solidão se fez em*

redor de mim: ninguém que me desse afeto para o desconforto dessa existência!

Um dia, senti que acordava... no meu coração um sentimento adormecido acordava com toda a exaltação, com todas as tendências da mocidade.

E, no final, a constatação bem doída, a consciência de que na nossa sociedade, na época, muito mais do que hoje, ainda é bem accito o fato de um homem idoso se unir a uma jovem mas o contrário, não. Quando procurei bibliografia sobre a velhice, encontrei muitas dificuldades. Tal pobreza bibliográfica reflete, um pouco, como são os velhos encarados, em nossa sociedade, sobretudo em relação à sexualidade que é muitíssimo negada. Segundo Josep Fericgla³⁹ *esta repressão sociocultural da sexualidade geriátrica tem em grande parte seu fundamento no fato mesmo de que toda nossa cultura condutual tende à repressão dos instintos, principalmente dos de componente agressivo e sexual.*

Reproduzo ainda um pequeno trecho dessas páginas autobiográficas de Delminda Silveira que me emocionaram pela dor que perpassa suas páginas e pelo desabafo com tão forte acento de verdade!

Bem conheci esse olhar que levantou para os meus cabelos brancos... Ah! compreendi enfim que devia sufocar este amor, compreendi porque devia ocultar este segredo até de si. Era para que uma gargalhada não me viesse despedaçar o coração. Está tudo terminado para mim. Sim, sou velha, há muitos anos que alvejaram os cabelos na minha cabeça e a fronte se inclina desfalecida, mas se me sinto jovem na alma, se neste corpo cansado e gasto, há um espírito de maior alento do que essa mocidade que o seduz!

³⁹ Josep Fericgla. *Envejecer - Una Antropología de la ancianidad*. Barcelona Anthropos, 1992, p 297 e seg.

São bem raras as vezes em que nos defrontamos com papéis assim tão interessantes, do ponto de vista biográfico. Delminda Silveira foi uma mulher extremamente sozinha e é esta a nota dominante em sua poesia.

Gostaria de discutir a questão do gênero, não no sentido de *gender* mas no de gênero literário. O manuscrito de Delminda é muito ambíguo. Pertence ao gênero *diário* e ao gênero *carta*. Como diário íntimo, permite, no dizer de Blanchot,¹⁰ todas as liberdades. Como carta, sem expresse destinatário, permite-o até certo ponto, pois a poetisa dirige-se a um *tu*, que somente ela conhece. Naturalmente, foi escrito para não ser lido por outras pessoas. Daí, sua incrível liberdade. Analisando essas frases frenéticas, de uma desesperança muito grande, e lendo sua poesia, vemos que essa mulher aprisionada no século XIX teve uma vida oculta na qual foi completamente diferente: liberada, moderna. E podemos ler a sua poesia, de ora em diante, com outros olhos, descobrindo nela desejos e pulsões antes nunca vislumbrados. E podemos, ao refletir sobre a literatura feminina do século XIX, e sobretudo ao julgá-la, manter sempre presente a ideia do quanto as amarras patriarcais da educação e dos preconceitos foram solidas.

Um ponto que merece reflexão é a diferença entre o manuscrito, com o texto tão íntimo e a obra poética de Delminda Silveira. Enquanto autores homens, que escreveram diários, mantiveram uma grande relação entre seus diários e a obra, entre ambos os processos de escritura, sendo, pois, muito iluminadora a leitura de diários e cartas, no caso de Delminda, há um fosso profundo entre as duas escritas, a do manuscrito e a dos poemas. E, se a leitura é igualmente iluminadora para a compreensão da poetisa, isso se dá mais no plano do biográfico que repercute nos poemas. A leitura da poesia um pouco insossa de Delminda Silveira se aviva e cresce com o conhecimento dessas poucas páginas autobiográficas e com a das cartas de Revocata de Mello. A

¹⁰Maurice Blanchot, V. O diário íntimo e a narrativa. In: *O Livro por vir*. Lisboa, Relógio d'Água Editores, 1984, p.123-198

visão moderna da poetisa contrasta violentamente com sua própria poesia que, para ser lida por todos, conservava-se angelical, assexuada, asséptica. Enquanto a leitura do manuscrito faz ressaltar uma mulher sofrida e de uma extraordinária dimensão humana.

De um livro para outro, não se notam muitas diferenças. Essas, se as houver, estão na temática dos três livros publicados em vida: o primeiro, *Lyzes e Martyrios* é mais voltado aos sentimentos de amor, saudade, dores íntimas; o segundo, explora os sentimentos cívicos, amor à Pátria e aos grandes homens falecidos (já que vivos, não há nunca grandes homens...); e o terceiro, é todo voltado para o religioso, sendo uma via-sacra em versos. Todos os livros de Delminda Silveira filiam-se ao Romantismo mesmo os que têm como característica dominante, a religiosidade, a que alguns críticos chamam de *misticismo*. O romantismo, tendo na base um catolicismo muito ingênuo, forma o substrato dessa poesia já tão distante do nosso mundo.

Em artigo muito interessante sobre Delminda Silveira, diz o crítico Altino Flores⁴¹

... a inspiração da poetisa foi sempre a mesma: menos sentimental que intimista, e geralmente despida de originalidade, desde as rimas de Lyzes e Martyrios; quis assumir feição supostamente didática e moralizante com o Cancioneiro; e revelou-se entranhadamente mística na plaqueta Passos Dolorosos...

Nesse mesmo artigo, manifesta o crítico uma certa compreensão para com a poesia de Delminda Silveira. Não chega a entender o processo castrador da educação patriarcal mas compreende-a como crítico literário. Fazendo a crítica da Introdução à História da

⁴¹ Altino Flores, crítico catarinense dos mais respeitados, nasceu em 1892 e faleceu em 1983. Com grande parte de sua produção esparsa em jornais e revistas, deixou alguns livros de estudos sempre sérios, profundos e pertinentes.

Literatura Catarinense de Osvaldo Ferreira de Melo (Filho) e de afirmações deste historiador que diminuía o valor da poetisa, defende-a da seguinte maneira:

Uma coisa, porém, conviria estabelecer; isto é: desde o momento em que, traçando a "história" de uma literatura, nela incluímos um poeta do estalão de Delminda Silveira, deveríamos armar-nos da necessária complacência para olhá-lo compreensivamente, sem rudezas nem ironias depreciativas; ou ele merece figurar, tal como é, na galeria histórica, ou deve ser deixado no limbo das ingenuidades modestas e desambiciosas, que não receberam nem mesmo pleitearam o batismo da Fama. (...) Quanto à Delminda Silveira, o que acreditamos é que, reconhecendo sinceramente os débeis remígios do seu próprio lirismo, nunca pretendeu alcandorar-se aos altos cimos do Parnaso; e, por ter sido avaro com ela o Amor, para sempre calou as mortas ilusões que porventura trazia sepultadas no coração, por imaginar que ressuscitá-las sob a forma de poemas seria o mesmo que desnudar-se perante curiosidades malsãs.

Altino Flores, ao criticar o autor da *Introdução à História da Literatura Catarinense*, toca em alguns pontos importantes sobre a literatura feminina do século XIX em sua relação com a crítica, e que passo a destacar.

Um deles, o mais importante, é a relação estabelecida pela crítica entre mulher/educação/obra literária. Nesta, em geral, as mulheres mantinham aquelas qualidades impostas pela educação. Uma delas, e que prejudicava sensivelmente às escritoras, era a *modéstia*. Modéstia, decoro, humildade, e outras tantas qualidades atribuídas às mulheres as fizeram não se alçar a maiores vôos. Bem o reconhece Altino Flores quando afirma que o escrever é também um desnudar-se em público, de certa maneira, principalmente, para a época que não via muito bem a questão da representação e não distinguia o autor do eu lírico, o autor do narrador ou das personagens.

Delminda Silveira, profundamente religiosa, seguramente na poesia continha-se quanto aos seus mais profundos sentimentos. Essa contenção prejudicou-a em sua obra.

Um outro ponto, abordado pelo crítico catarinense, e seguido pela maioria dos críticos do século XIX, foi o *respeito devido a uma Senhora...* A crítica era por demais benevolente (naquela atitude que Sylvia Paixão chamou de *Olhar condescendente*¹²) quando se inclinava sobre os escritos de mulheres. Mas o importante, incluir o nome, a obra dessa mulher no cânone, isso nem pensar! Auxiliar as mulheres a descer das carruagens, puxar-lhes as cadeiras para sentarem, mil mesuras e rapapés! Mas o principal, dar-lhes um lugar permanente na ação que muda o mundo, na História, ah! isso é que não.

Os anos foram passando, passou a Semana de Arte Moderna, mas o romantismo e o Parnasianismo continuaram a dominar na Ilha de Santa Catarina. Assim, a poesia de Delminda Silveira oscila entre as duas escolas, com nítida predominância do Romantismo mais de acordo com a poetisa cujo coração poderia *ser maior que o mundo...*

O amor à Pátria, muito ufanista, à Natureza, que freqüenta cada poema, o respeito às tradições, o carinho por sua terra e a religiosidade fortemente ancorada no catolicismo, temas aliados a dores íntimas de solidão e rejeição, são as dominantes dessa poesia que ultrapassando movimentos, idéias, guerras, escolas, permaneceu sempre igual!

Mas como podemos analisar os textos das mulheres nascidas no século XIX? se não as contextualizarmos, convenientemente? Como julgá-las, como, sobretudo, compará-las com os escritores homens? Como? Se elas foram *fracas* em seus textos, se não souberam alçar-se a maiores vãos, a quem atribuir uma parte da responsabilidade? Mas nas páginas manuscritas de um diário ou na confiança de uma carta, essa voz de mulher, vítima de uma sexualidade amordaçada (expressão de Peter Gay), emerge triunfante e acusadora.

¹²V. Sylvia P. Paixão, *A Fala-a Menos*, Rio de Janeiro, Editora Numen, 1989

Penso que a minha compreensão das poetisas do século XIX passa agora pela descoberta casual desse manuscrito. Isso reforça, para nós, a importância da preservação dos acervos dos escritores para posteriores estudos e decifrações. No caso de Delminda, o texto encontrado mostrou-nos com um exemplo vivo, podemos dizer, as diferenças entre o estilo adotado pela maioria das escritoras-poetisas do século XIX, um estilo tendendo ao sublime e, embora seguindo cânones de uma arte romântica que se caracterizava *pelo confessionalismo, pela revelação dos segredos mais íntimos da alma*, nas mulheres ficou, pela imposição social e patriarcal, no superficial de sentimentalismos banais. Reflitamos, pois, no que a liberdade de pensar, somente de pensar, lhes tivesse sido permitida, ou se elas a tivessem conquistado, o quanto não leríamos, hoje, de *irmãs de Shakespeare*, no dizer famoso de Virginia Woolf!